

A COMUNIDADE COMO QUALIDADE INTERIOR O RECOLHIMENTO FONTE DE PROXIMIDADE

Rainer Maria Rilke escreveu: *«O amor consiste nisto, que duas solidões se protejam, pondo limites, e saúdem um ao outro e sintam que são como ilhas num mar comum».*

A proximidade dos amigos e dos amantes só pode acontecer em momentos de recolhimento comum. Um recolhimento interior que não tem limites de tempo e de lugar. Quando sonhamos de encontrar os amigos, pensamos numa aproximação que vai além de qualquer reunião concreta que possamos realizar. O recolhimento do coração amplia os encontros humanos, pois nesse centro descobrimos que qualquer ser humano é nosso irmão. Neste centro podemos abraçar muitas pessoas, pois, o recolhimento é o lugar onde construímos a comunidade. Na nossa vida diária, encontramos diversas pessoas, muitas delas só por pouco tempo, ou apenas por breves instantes, mas em recolhimento podem tornar-se membros da comunidade porque, nesse lugar, nada nos separa, é como um terreno sagrado onde todos, mesmo os que estão longe, encontram um lugar acolhedor. A amizade é uma experiência maravilhosa, um dom precioso, mas a proximidade nem sempre a favorece, algumas vezes, em vez de tornar-se «caminho» torna-se um obstáculo para a sua plena realização.

Muitas vezes na minha senti a estranha sensação de que estava mais próximo dos meus amigos durante a sua ausência. Quando estavam longes, sentia um forte desejo de revê-los, mas não podia impedir de sentir uma certa desilusão quando esse encontro se realizava. Parecia que a presença física impedia um encontro pleno. Era como se esta funcionasse como uma parede que escondia o nosso eu mais íntimo. A distância física, criada por uma ausência temporária, revelava-me a grandeza e beleza dos amigos. (Cartas de um poeta, p. 59)

Kahlil Gibran escreveu:

Quando vos separardes dos amigos não vos entristeçais: porque aquilo que de melhor amais neles poderá revelar-se durante a sua

ausência, como uma montanha que quando é vista da planície aparece mais nítida. (O profeta, p. 50)

Tem amigos, conviver com eles, é uma alegria excepcional, mas a nossa vida tornar-se-ia triste se isso constituísse a meta dos nossos esforços. Fazer parte da mesma equipa de trabalho e conviver em harmonia é uma experiência maravilhosa, mas seríamos pessoas tristes se a nossa alegria dependesse dessa situação. É bom receber cartas dos amigos, mas deveríamos ser igualmente felizes sem elas. É bom receber visitas, mas sem não deveríamos ficar maldispostos quando não a recebêssemos. É agradável receber telefonemas dos amigos «só para dizer olá», mas não as deveríamos considerar imprescindíveis para tranquilizarmos os medos da nossa solidão.

A comunidade proporciona o sentido de pertença, mas estarmos juntos no mesmo lugar, na mesma casa, na mesma cidade ou no mesmo país é um fato secundário. A amizade e a comunidade são, em primeiro lugar, qualidades interiores que permitem à proximidade humana de tornar-se uma expressão exultante de uma realidade muito mais vasta. De facto, nunca poderão ser reivindicadas planeadas ou organizadas, mas sendo qualidades interiores, podemos criar um espaço aberto e recebe-las como dons. A comunidade, sendo uma qualidade interior, deixa-nos a liberdade de a vivermos estando «no mundo» numa vida intensa de compromissos, ou mesmo estando encerrados no nosso quarto, recolhidos em oração. Ninguém será excluído no nosso coração. O recolhimento permite-nos de percorrer suavemente vastas distâncias, pois nada nos separa. A distância torna-se chão sagrado onde se realiza a comunhão. O recolhimento cria comunidade porque exprime uma proximidade que vai além da presença física.

Desta forma, a solidão pode tornar-se recolhimento e o recolhimento, comunidade. Poderão passar-se dias, semanas, meses e anos, em que nos sentiremos esmagados pelo sentimento doloroso do nosso isolamento, tanto que mal conseguimos acreditar que seja ainda possível o recolhimento do coração. Mas se saborearmos, por uma vez, o recolhimento interior do coração, continuaremos a procura-lo como experiência libertadora da «vida nova» da Graça, com a qual cortarmos os laços enganadores das nossas ilusões para aderirmos ao Deus da Vida e de nos aproximarmos dos outros, construindo a comunidade.